

Narrativas

Espaço do contar

Ano 3 | Número 3 - outubro de 2014



Narrativas

Espaço do contar

Ano 3 | Número 3 - outubro de 2014



Sobre HISTÓRIA E LITERATURA, ao infinito e além

Neste ano, nos estranhamos. Muito, nos estranhamos muito. Mas não se preocupe, estranhar é um método. O historiador Carlo Ginzburg em um dos seus escritos argumentou que “[...] o estranhamento é um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos sujeitos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos)”. Sendo assim, sentar numa colina em Marte vez ou outra pode oferecer uma vista privilegiada do Planeta Água – e para lá fomos todos nós!

Em mais um ano de Narrativas, o 9º Ano da Aldeia Curumim seguiu a trilha, nem sempre perceptível, da História e Literatura – assim mesmo, juntas. Caminho cambaleante, é verdade, enfrentamos matas fechadas, monstros esquecidos, motins, pestes e fome, porém encontramos o X que no final demarcava o tesouro. Aprendemos a ler o mapa da realidade com o olhar fantástico de quem não tem medo de sonhar.

Logo, tal qual nas duas edições anteriores, transformamos os projetos de escrita e debate do ano em dossiês para a presente revista, contendo a produção de nossos alunos. Através das máximas da literatura fantástica, destrinchamos o universo ficcional como um meio de nos situarmos no espaço.

“Realidades Fantásticas” inaugurou o ano com um dossiê à moda kafkiana, introduzindo eventos perturbadores no nosso dia a dia. Quem nunca acordou com patas no lugar das mãos?

O projeto subsequente, “O eu profundo e os outros eus”, mantém a promessa de universalizar a obra pessoana em nossas publicações. Conservamos o hábito da heteronímia, escavando nossas almas nas almas do poeta Fernando Pessoa, que, se não me falha a memória, já constam em 127.

O terceiro dossiê, “Vou-me embora pra Pasárgada”, foi um passeio por mares nunca dantes navegados, ou não. Aqui o que valeu foi visitar um lugar especial, real ou imaginário.

Já em “De volta para o futuro”, brincamos com a máquina do tempo e passeamos pelas eras históricas e futuras, simples assim, uma caminhada despretensiosa num ano aqui, outro ali.

Encerrando os projetos, porém não a Narrativas, o dossiê “Em uma galáxia muito, muito distante” tratou da ficção científica, “nave chefe” da literatura fantástica.

Por fim, excepcionalmente, uma seção destinada aos escritores do dia a dia, “Crônicas Líricas” é um espaço para a prosa poética germinada nas aulas de Língua Portuguesa da nossa querida revisora-mô, Mônica Scheer.

Agradeço aos envolvidos e, sem mais delongas, vistam seus capacetes e preparem-se para a viagem.

Mateus Bertolino



CRÔNICAS LÍRICAS

DOSSIÊ REALIDADES FANTÁSTICAS

6

DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

16

DOSSIÊ VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

24

DOSSIÊ DE VOLTA PARA O FUTURO

34

DOSSIÊ EM UMA GALÁXIA MUITO, MUITO DISTANTE

40

CRÔNICAS LÍRICAS

45



Ilustração: *Louise Florencio*

DOSSIÉ REALIDADES FANTÁSTICAS

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. [...]”

E por um momento permaneceu tranquilamente deitado, com a respiração fraca, como se esperasse talvez do silêncio pleno o retorno das coisas ao seu estado real e natural.”

Franz Kafka, A metamorfose

Não seria toda a literatura fantástica? Como qualquer geração, nos cobrimos de arte como quem no escuro puxa o cobertor e sente o calor que a noite oculta. O calor das cordilheiras de Mordor, a ansiedade ao vestir o Chapéu Seletor, a surpresa de descobrir-se filho de Poseidon, o amor e o medo em meio a tantas guerras presentes, passadas e imaginárias. A fantasia possui uma verdade única, que pertence a cada um de nós. Sendo assim, chegou a nossa vez de acordar e nos espantarmos com as possibilidades infinitas que se abrem junto com nossos olhos. O quão fantástica pode ser a realidade?

– Uma carta? – repetiu a professora com a voz fraca, sentando-se novamente no muro. – Francamente, Dumbledore, você acha que pode explicar tudo isso em uma carta? Essas pessoas jamais vão entendê-lo!”

J. K. Rowling, Harry Potter e a pedra filosofal

Obras de referência: “A metamorfose”, de Franz Kafka / “O Senhor dos Anéis”, saga em três volumes, de J. R. R. Tolkien / “Harry Potter e a pedra filosofal”, primeira parte de uma série em sete volumes, de J. K. Rowling / “Percy Jackson & os Olimpianos”, série em cinco volumes, de Rick Riordan / “As crônicas de gelo e fogo”, série em cinco volumes (sete previstos), de George R. R. Martin

Fathers

Uma conversa estranha num café de Liverpool mudou a vida de Jack, assim, num passe de mágica. Vamos lembrar.

Flashback On.

Um homem por volta dos cinquenta anos chegou ao café e logo avistou Jack Wilshere, sua nova cobaia.

– Boa tarde, senhor Wilshere.

– Boa tarde, Peter!

- Bom, vamos a minha ideia. Após te ver jogando no clube no domingo, fiquei muito impressionado com sua qualidade.
- E...
- E pensei se não quer fazer uma peneira para nosso querido Liverpool na sexta!
- Mas, Peter, eu já tenho 30 anos, sou advogado, tenho trabalho. Nenhum clube vai me aceitar!
- É aí que euzinho aqui entro!
- Como?
- Vá pra casa, apareça lá na sexta e tome isso – Entregou-lhe uma latinha que parecia um energético.
- Ok, você me assustou, mas, eu vou aparecer.
- Estarei esperando!

Um aperto de mão e cada um foi para sua casa. Jack em busca de respostas e Peter somente aguardando.

Flashback Off.

Um, dois, três gols e nosso protagonista seguiu rumo ao CT do Liverpool. E foi quando tudo mudou.

Ao passar pela porta da frente, o mundo girou e Jack foi lançado ao chão. Só que quando o jovem se levantou, estava mais jovem ainda, no auge dos seus dezoito anos. Seria o efeito da bebida? Tinha certeza de que sim.

O teste passou e foi feito com excelência por Jack. Elogios vindo de todos os lados do CT. Mas, um único olhar vindo do fundo da arquibancada importava pra ele. Era Peter, com um sorriso carinhoso e um olhar paterno. Quase lembrava o pai de Jack, que nesse momento deveria estar chorando de alegria no céu, só faltava a chuva.

E do dia pra noite ele virou Jack Wilshere, a joia do Liverpool, o menino que comemorava gols com uma mão pro céu e outra pro fundo da arquibancada. Em homenagem, obviamente, aos seus pais.

Luna Castelamare

A Árvore da vida

Sofri um acidente há um ano,
Meu avião caiu no meio de São Paulo.
Eu morri e depois de um dia,
Havia virado uma árvore,
mas não em qualquer lugar,
foi bem no lugar onde eu morri.

Ser uma árvore até que é legal,
não preciso ir ao banheiro,
vejo tudo que ocorre no mundo inteiro,
ao meu lado tem um bar,
e a televisão é tão alta que posso até escutar.

Do outro lado da rua fica a Ibovespa,
Onde posso ver a economia mundial,
Já as outras informações fico sabendo
Pelas pessoas que passam por mim.
Falando no celular,
Olhando o ipad,
As pessoas sempre passam por mim,
Mas nem parecem gente.
Passam rápido e devagar,
Sempre no celular!
Tem tanta informação,
Que não consigo acompanhar,
Ainda tem um bêbado,
Que não para de me abraçar.

São tantas pessoas tão diferentes,
Que aprendi mais do que quanto era gente.

Hugo Florêncio

A Maldita Vingança

Eram doze horas, em uma sala de aula comum, o simples garoto Caio olhava para o livro e pensava em sua vida. Era o motivo de riso da sala, em parte por causa de seu físico magro e frágil, em parte por sua pele claríssima, e também por seu sobrenome, Gonzaga, que era “de Nordeste”, como diziam seus colegas.

Levantou a cabeça e olhou em volta para o resto da classe, via a todos, incluindo João, seu principal zombador. Um garoto de cabelo escuro despenteado, de pele morena e dentes grandes. Adorava dar-lhe apelidos, Gorila Albino, virgem e Nordeste. João praticava

lutas marciais, então também não hesitava em subjugar-lo ou pegar seu material à força.

Olhou para outro lado, viu Lucas. Este era um garoto gentil, forte e alto, sempre aparecia para ajudar os que Marcos atacava. Não temia o número de opositores e sempre se envolvia em brigas para defender ou dar uma chance aos oprimidos. O que tinha dívida com os outros, pois mesmo tendo pais ricos, não era avarento.

Virou-se então para a janela e pôs-se a pensar. Por que era tão infeliz? Por que numa turma de

trinta e um apenas cinco lhe respeitavam? Por quê? Por quê? Por quê?

Logo o relógio marcou a hora da saída, os alunos se levantaram e saíram. Caio, como sempre, foi zombado na saída. Ao chegar em casa, não contou nada aos pais, e continuou o dia todo caldo, como sempre fazia, até se deitar.

Acordou no meio da noite. Sentia-se estranho, seus pés estavam fora da cama, mas a cama não era pequena. Olhou para seu corpo, estava coberto por um manto negro. Devia ser o cobertor. Levantou-se, sentiu o manto caindo. Droga! O cobertor devia ter caído. Dirigiu-se ao banheiro. Sentia o manto se arrastando pelo chão, o cobertor devia estar preso no seu pé. Quando chegou ao banheiro e se olhou no espelho, não podia ter se surpreendido mais. No reflexo não havia um esquelético e sonolento garoto, mas sim um vulto de mais de dois metros, trajando um manto negro que descia até os seus pés. Entretanto, não se assustou, sentiu aquilo como sendo extremamente natural, era quase como se ele não fosse ele mesmo. Ergueu seu braço. Sua mão estava coberta por uma luva de duro e grosso metal. Os anéis articulados que formavam os dedos da luva estalaram quando os dedos de Caio transformado se moveram. Ao olhar para seus pés, Caio viu duas botas do mesmo metal, duras e grossas, mas não muito pesadas. Uma afiada espora se projetava de cada uma de suas botas, e mesmo após notar estar tão bem armado e aterrorizador, Caio continuava a levar tudo isto como sendo estranhamente banal.

Caio olhou para seu lado e viu outro encapuzado em um manto. O semelhante se retirou, e Caio o seguiu lentamente por sua casa. Na saída, oito cavaleiros encapuzados, incluindo o guia,

o esperavam montados em cavalos negros com pescoços cobertos em armadura. Um cavalo estava separado da submissa fileira de cavaleiros seguidores. Adiantou-se até este e montou. Tomou as rédeas e olhou para os cavaleiros, virou-se então para frente e disparou com o cavalo.

Não encontraram obstáculo em sua corrida, pois todos que os viam corriam repletos de medo. Homens, mulheres, crianças, todos corriam aflitos para suas casas, e era como se uma nuvem negra de terror os acompanhasse em sua cavalgada veloz. Subiam ladeiras, desciam rampas e faziam curvas, tudo para chegar a seu destino.

Chegaram à porta de um condomínio residencial, o porteiro, aterrorizado, recusou-se a abri-la. Caio não se abalou, lentamente ergueu sua mão, e depois a lançou para o lado abruptamente. Como mágica, a porteira foi arrancada de seu suporte e voou em cima da cabine, prendendo o porteiro dentro da arruinada cabine. Agora sem a possível obstrução, a comitiva adentrou o condomínio.

Pararam em frente de uma casa. Desmontaram somente Caio e o cavaleiro que o tinha guiado antes, ambos adentraram a casa sorrateiramente, e desapareceram pela porta. Viram-se em uma escura sala de estar. Num canto havia um piano e o companheiro de Caio silenciosamente puxou o banco, sentou-se e o abriu. Enquanto isso, Caio entrou em um quarto escuro, e na cama estava João.

O vulto que ficou no piano pôs-se a tocar sua música tenebrosa, mas suave e sutil. João despertou com o instrumento, mas mal teve tempo de pensar e foi pego por Caio

Transformado. A música instantaneamente se intensificou, e quem despertou foram os pais de João, que desceram correndo as escadas, apenas para encontrar um piano tocando sozinho, pois Caio e seu seguidor já haviam saído, mas em vez de cavalos, Caio se deparou com algo muito diferente. Criaturas absurdas, com pescoços e caudas como serpentes, cabeças como balas e asas de morcego. Caio não se intimidou, largou João no chão e montou em sua besta. Vendo-se livre, João gritou, e a este grito vieram os pais de João. Mas estes só tiveram tempo de ver o filho sendo agarrado por uma terrível besta alada que o tomou com as garras e partiu voando junto a oito companheiros.

O voo era algo completamente novo para Caio, mesmo assim ele continuava austero e indiferente, era quase como se o real Caio só pudesse ver o que se passava, e que quem sentia o que estava vivendo era outra pessoa.

Logo chegaram à outra casa. A casa de outro garoto que zombava de Caio, Luís Roberto. A montaria alada de Caio pousou no jardim da casa. E enquanto Caio desmontava, dois de seus companheiros tiraram João das garras da Besta e o seguraram com toda a força, com uma faca sobre sua garganta. Enquanto isso os pais de Luís Roberto acordaram, e ouvindo o barulho, o pai se levantou e disse à mulher:

– Espera aqui, querida. Vou pegar a espingar...

Foi interrompido, quando estava prestes a sair do quarto, por uma espada sendo posta à altura de sua garganta. Voltou submisso à cama, onde se deitou junto à assustada mulher, sendo detido ali por um grande vulto com uma espada. Logo, ouviu-se um aterrador berro,

que os gelou até os ossos, e o vulto correu para fora do quarto. Os dois foram à janela, e viram o filho sendo carregado pela criatura alada e seus oito seguidores.

Caio continuava indiferente a tudo. Nem mesmo o gélido ar noturno o perturbava e muito menos os gritos dos dois garotos. Nem os outros cavaleiros alados o distraíam, e agora que estava chegando a seu novo destino, Caio estava realmente concentrado.

Enquanto isso um casal dormia abraçado.

– Ei, ei. Laura, cê tá ouvindo esses passos?

– Ai amor, deixa de ser bobo! Deve ser o namorado da nossa filha!

– Ai essa menina, já com essa idade dormindo com namorado.

– E a gente não fazia igual?

– Fazia, né amo...

Outro berro nefasto soou na noite. Os dois pararam com seus tópicos amorosos e correram para o quarto da filha, onde encontraram uma cama vazia e uma janela aberta. E ao olhar por essa janela, viram nove estranhas criaturas aladas voando para longe.

Mas este não foi o último berro assustador soltado na noite, ou o último casal aflito, ou o último adolescente sequestrado, pois os zombadores eram muitos, e Caio e sua montaria alada ainda aguentavam muitos jovens mais. E, em breve, as garras de sua montaria seguravam mais de vinte jovens, o que não era problema para a colossal fera.

A manhã estava chegando, e o breu noturno tomava um tom azulado leve. Caio se sente triunfante, pois sua revoadada agora se aproximava de uma colina pelada. Uma rocha

imponente no meio da cidade, e ali, ali sua vingança estaria completa.

Os jovens não sabiam que aquela colina era o local de onde seriam atirados, mas continuavam a berrar e a se debater, para o grande deleite de Caio. Pois agora, aqueles meninos que tanto o chamavam de fracote, ridículo e outras coisas berravam por ajuda nas garras de sua montaria. E as garotas que tanto o chamavam de virgem, gay e infantil agora choravam, e até mesmo se urinavam em desespero. Mas como ele gostava disto!

Havia chegado a hora, Caio e seus companheiros estavam parados acima do morro. O sol estava prestes a nascer e o ambiente estava dourado. Mas que belo cenário para sua tão esperada

vingança. Olhou uma última vez para seus colegas. Faces assustadas, mãos à cara em choro, calças urinadas, o terror e o desespero não poderiam ser maiores. Caio estava prestes a dar o comando para que sua besta abrisse as garras. Não podia acreditar, iam todos morrer, iam todos morrer, iam todos...

Olhou para os lados assustado. Estava na sala de aula. Sem vultos e sem montarias aladas. Olhou para os pés e para as mãos, nada de luva ou bota. Voltara ao mundo real, era Caio outra vez.

Por quanto tempo havia pensado? Olhou para o relógio. Dez minutos! Dez minutos de pura fantasia, mentira e desejo. Maldita realidade e maldita vingança. Por que tão cruéis e injustas?

Joaquin Pedro

Dilma virou um RATO!

E agora? O que vou fazer? Estou aqui como um rato, na favela do Rato, no meio de uma tremenda lixarada.

O jeito é entrar pelo cano, mas cadê o cano? Ué, aqui não tem saneamento básico?

Estou com sede! Cadê a água? E os carros pipas que eu mandei trazer há 12 meses?

Ai que susto! Que barulho é esse? É tiro! Cadê os policiais? Que saudades do meu segurança particular! Quanta criança na rua em plena segunda-feira. Cadê as escolas?

– Me empresta a sua bicicleta?

Cadê a educação?

Ai meu Deus! Eu tive tanto tempo para mudar o Brasil, por que eu não mudei? Se arrependimento matasse, eu já estaria morta.

Livia

A notícia foi divulgada em pouco menos de sete minutos.

“Crise Mundial”, as manchetes diziam, “Revolução virtual acarreta consequências”, “Roubo moderno”. Independente de como era conhecido, o roubo de todo dinheiro depositado em bancos e companhia era top em redes sociais. Maior do que a de 1929 ou 2008, esta crise afetou o mundo inteiro.

O hacker, cujo paradeiro era desconhecido, foi classificado como o mais procurado pelo FBI. Uma recompensa de cinquenta milhões de dólares (qual quantia não poderia ser paga sem a recuperação do dinheiro) para o indivíduo que denunciasse o criminoso, este era famoso nas redes sociais, onde foi questionado se estaria protestando sobre o capitalismo ou uma forma de espoliação da sociedade.

No congresso de países era uma loucura. Os Estados Unidos tinham acabado de declarar guerra a todo mundo, quando o presidente da França enfiou uma caneta no olho no primeiro-ministro da Inglaterra, e o vice-presidente italiano está a ponto de abaixar as calças em cima de sua poltrona quando um agente secreto da CIA entrou no salão para fazer um comunicado urgente.

“Após trabalho árduo descobrimos que este é sem dúvida o maior hacker da história, pois foi capaz de entrar e sair do nosso serviço de espionagem em questão de milésimos. Deve usar um tipo de vírus capaz de entrar em nossas mentes”, ofegou. “Mas finalmente descobrimos a localização do paradeiro do gênio.” Isto tirou o fôlego de todos os presentes.

A ansiedade prolongou-se durante a viagem dentro do helicóptero, e foi quando finalmente aterrissaram que se dispuseram a se movimentar.

Em frente ao quarto, questionaram sobre a peculiaridade da escolha do esconderijo pelo gênio.

“Prontos?”, o agente indagou.

Concordaram com a cabeça e em um breve arrombamento de porta entraram no local.

Um garoto gordo e sardento foi quem encontraram sentado numa poltrona reclinável.

“Moço, eu juro que pensei que era Farm Ville!”

João Pedro

Um dia pessoa, no outro abelha

Era uma vez um vendedor que se chamava Carlos. Era casado e tinha dois filhos e estava perto de conseguir uma promoção. Foi dormir pensando na promoção do dia seguinte.

No dia seguinte, quando acorda, ele percebe que há algo diferente em sua casa, parecia maior, quando tenta levantar-se, percebe que não tem mais as pernas, ele vê que tem um par de asas e um ferrão e toma um susto quando percebe que ele era uma abelha!

Apavorado, ele começa a pensar em como ele chegaria no trabalho, como falaria com seus filhos e sua esposa. Ele sai de casa antes de seus filhos e de sua mulher acordarem, tenta abrir o carro, mas lembra que não tem mais as mãos, então ele vai voando para o trabalho. Estranho. Quando chega, ele vê o chefe conversando com outro funcionário sobre a festa que iria ter para sua promoção. Carlos fica nervoso, pois perderia a festa de sua promoção. Já estava atrasado três horas, mas ninguém sabia que ele ali se encontrava e que tinha virado uma abelha! Então, triste, voltou para casa.

Uma vez em casa, foi atacado de surpresa com uma bofetada de seu filho, ele tenta fugir, mas o menino corria atrás dele com jornal. Ele consegue fugir, mas quando vê, seu outro filho já o tinha colocado em um pote. Ele fica apavorado e tenta fugir, mas não consegue, de repente, o pote cai no chão e sai rolando e para nos pés de sua mulher que o abre. Carlos foge do pote e voa para bem longe dali.

Cansado, para em uma árvore pra descansar, e, quando acorda, percebe algo diferente. Ele se olha na frente do espelho e vê que era uma pessoa normal novamente e percebe que tudo não passara de um sonho.

Autor desconhecido

ZX-9

Era mais uma sexta-feira medíocre, neste dia eu costumava me chamar João, teria feito as mesmas coisas de sempre: acordar cedo, ir para a escola, almoçar, fazer minhas tarefas. Estava me preparando para dormir, mal sabia que tudo iria mudar essa noite.

Fui pra cama cedo e dormi rápido, logo mergulhei no que parecia ser um sonho esquisito. Eu estava em uma cápsula e tinha um corpo cinzento com anatomia similar a um humano, mas não idêntica.

Logo levantei da cápsula e estava em um mundo inusitado, havia vários seres parecidos, percebi

ainda que eles falavam uma língua esquisita. Eu parecia entender e descobri que estava em outro planeta, denominado ZX9.

Lá, neste planeta, eu tinha uma rotina completamente diferente, parecia que eu sempre sabia o que fazer. Na hora de dormir, entrei na mesma cápsula e acordei segundos depois, estava ouvindo minha mãe gritando que estava atrasado para a escola.

Era eu de novo em minha forma humana, isso se tornou uma rotina, eu dividia dois corpos: durante o dia estava na Terra e durante a noite em ZX-9.

Felipe Salles e Richard Johnson



Ilustração: Renato Cruz



Louise Florencio

“Sê plural como o universo”

Fernando Pessoa

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

“Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa.”

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos “eus”... nossos heterônimos.

Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Obras de referência: “Cancioneiro”, “Livro do desassossego”, “Poesia completa de Álvaro de Campos”, “Poesia completa de Alberto Caeiro”, “Poesia completa de Ricardo Reis”, de Fernando Pessoa / “O ano da morte de Ricardo Reis”, de José Saramago

Balança

Tenho dois grandes problemas em relação ao meu peso: primeiro, dificuldade de emagrecer; segundo, facilidade de engordar.

Eu devo ter no meu DNA um gene de urso polar porque meu organismo sempre me dá a sensação de que vou passar seis meses hibernando e, assim, preciso guardar tudo o que eu como para sobreviver ao inverno. O problema é que o urso polar só hiberna no inverno e meu estômago age como se precisasse guardar comida para anos. Sem contar que devo ter algum distúrbio visual, ligado ao acúmulo de gordura, porque é só olhar um salgado na cantina que engordo um quilo.

Óbvio, ao longo da minha vida já engordei, emagreci, engordei, emagreci. Nada tão grave que me impedisse de passar pela roleta do ônibus, ou entalasse ao passar por uma porta. O caso é que nesse engorda-emagrece, eu parei, por último, no engorda.

Agora, vamos parar de hipocrisia: o ocidente, capitalista, foi feito pra produzir gente gorda. Cortar o glúten não vai te fazer mais magra. Em qualquer lugar do planeta, na esquina, no posto de gasolina, na banca de jornal, você pode comer salgadinhos, balas, refrigerantes, tudo que engorda. Ninguém nunca viu tomate picado, cenoura em rodelinha, ou folhas de agrião, no caixa da padaria.

Com licença agora, que eu tenho que fazer uma esteira. Sabe, fazer exercícios queima calorias... Emagrece. Ou, pelo menos, desengorda.

N. Fitzgerald

O milagre das 18h

São 17h, após oito exaustivas, porém produtivas horas de trabalho, você reúne suas coisas, fecha sua maleta, aperta sua gravata e dá um último adeus para os amigos e secretárias.

Meia hora caminhando até o ponto de ônibus. Meia hora de preparação psicológica para provavelmente um tempão esperando o ônibus e um pouco mais de tempo dentro dele.

Passa o primeiro. Cheio. O humor não melhora.

O segundo. Número errado. Vazio. Humor, piorando.

Finalmente o terceiro vem, junto com uma mini sensação de prazer. Subo nele, lotado. No meio de

empurrões e pedidos de “licença”, eu o avisto. Ali, parado, o (assento).

Dou uma corridinha discreta e sento.

De repente, o dia melhora.

As buzinas furiosas dos carros se tornam músicas, o sol abre no dia nublado e feio e um sorriso aparece em meu rosto.

Incrível o poder de um pedaço de couro no humor das pessoas. Sinto-me tão bem que ousa fechar os olhos e descansar um pouco.

Abro os olhos, passei do ponto. Xingo baixinho. Como diz o ditado, alegria de pobre dura pouco.

Evan Balotelli

A menina que colecionava decepções

Há pouco tempo ele sentiu algo que o tornou diferente. Mas não sabia como lidar com aquilo.

Há pouco tempo ela encontrou a porta para um grande amor. Mas não sabia como entrar nela. Foram tantas desilusões que era como se a dor esmagasse seu coração. Sorrisos tolos, gestos encantadores que se tornaram tormentos em sua imaginação.

Para ela, era quase um silêncio assustador. Porque ainda ouvia seus medos sussurrando em seus ouvidos. Frases que ficaram marcadas da interrogação do tempo. Deveriam ter sido ditas?

E ele, sentiu-se engaiolado naquela situação. Sempre fora um homem livre. Tinha esse hábito desde criança. Mas dentro daquela história de amor havia algo que o sufocava terrivelmente.

Ela tentou mesmo esquecê-lo. Ele tentou mesmo se convencer de que a culpa não era dele. Mas as terríveis lembranças ainda os perseguiriam por anos e anos. Então ela resolveu emoldurar todas as suas fotos juntas, retirando seus rostos. Ficaria mais leve não ter que rever os sorrisos que juravam serem verdadeiros. Olhares perdidos entre um clique e outro. Passeios a lugares maravilhosos. Almoços e jantares compartilhados nas mesmas mesas. E as festas com músicas e danças registradas em suas memórias.

Ele saiu para afogar suas mágoas em bebida, na esperança de esquecimento. No fundo, ele sabia que de nada aquilo adiantaria. Bebida não causa amnésia, e seu orgulho era maior do que sua saudade.

Sasha Lancaster (Noel Fitzgerald)

Olá caro leitor. Vejo que acaba de ser introduzido em meus escritos. Quem sou? Bem, em tempos como estes seria bom que eu não o revelasse. Mas vejo que você é um leitor consciente, acho que não há problema. Pois bem, por mais estranho que pareça, meu nome é Cecilia Stuart Hamilton. Sim, uma mulher, uma lady, escritora, e mais, solteira, mas não exatamente...

Grande surpresa, não? Uma mulher? Escrevendo? Sim. Não a primeira e, com quase toda a certeza, não a última.

Por que "com quase toda a certeza"? Como sei que haverá outras no futuro? Como sei se amanhã não haverá uma nova doença que

eliminará todas as mulheres do planeta? Ou pior, uma série de erupções vulcânicas que eliminarão toda a vida no planeta? A verdade é que não sei, apenas deduzo. E é isso que eu mais gosto na Ciência.

E com essa palavra chave se explica o "solteira, mas não exatamente" de antes. Acontece que não sou casada com um homem. Minha relação é com algo muito mais emocionante, uma paixão de anos, envolvente e excitante, que sempre deixa por desejar mais. Meu caso é com a ciência, a melhor companheira que qualquer pessoa, homem, mulher, idoso ou criança, pode desejar.

Cecilia Stuart Hamilton

Nascida em Barcelona, na Catalunha, cabelos claros e profundos olhos castanhos, Luna Castelamare veio ao mundo em 18/08/1994, destino traçado para ter uma vida diferente. Apaixonada por futebol e ballet, vai dividir as paixões de modo diferente. Bailarina do Teatro Catalão, engatou um namoro com o jogador do Barcelona, Sergi Roberto, após uma vida inteira indo a todos os jogos no Camp Nou, quando cruzou com ele, já sabia que era ele. Cabe a ela dividir esses amores.

Leitora assídua e defensora da paz. Nunca mediu esforços para ser quem é hoje. De uma coisa ela tem certeza, se não fosse Deus, ela nunca teria sua "abençoada vida" como gosta de chamar. A sua persistência, não só nos seus sonhos, mas também em mudar o mundo é sua marca registrada.

Rodolfo é um homem inteligente, mas não teve oportunidade de estudar, pois desde criança morava na rua. Quando cresceu, se juntou com uma mulher que também vivia na rua.

Gostava de escrever. Eu sei que é estranho ele saber escrever, mas quando criança assistia a aulas escondido do lado de fora de uma escola particular.

Via aquelas crianças aprendo, brincando com coisas que nunca pode ter e a partir daquele momento decidi que a sua vida seria diferente, não sabia como, mas ia lutar o máximo possível para mudar. Tempos depois estava ainda na rua, sem trabalhar, porém ainda escrevia poemas sobre a pobreza. Gostava de escrever sobre esse assunto, pois sabia que não subiria de nível social, sabia e sentia que iria continuar na pobreza para sempre.

Rodolfo morreu assim em 2012, em um atropelamento de carro enquanto atravessava a rua lendo um de seus poemas.

De volta ao meu céu

Flashback On:

Ela nem acreditava que estava de volta a atmosfera Catalã. Era como se finalmente pudesse respirar, de volta a sua casa. Dois meses rodando a Europa com apresentações de La Bayadere fizeram bem a ela, mas estar de volta era maravilhoso. A verdade é que não era saudade de casa, era saudade dele. O dia que ela finalmente voltava, era simplesmente a última rodada de La Liga, jogo decisivo para o Barça, título em jogo. Seu roteirinho estava pronto, desembarcar as nove da manhã, ir pra casa se arrumar, e às três da tarde estaria cruzando os portões do melhor estádio do mundo, também conhecido como sua casa. Para então às quatro a partida se iniciar.

Para ele a atmosfera também estava mais leve naquele domingo. Independente do jogo ultra tenso que viria a disputar mais tarde, sabia que ela estava de volta e essa era a razão de voltar a respirar com a facilidade de antes. Graças a seu melhor amigo, descobriu que ela estaria

presente no jogo. Mas era hora de se concentrar no jogo, só importava a vitória. E sim, um, quem sabe dois gols para ela.

A verdade é que, mesmo dois meses separados, nosso casal, em momento algum, se perdeu. Eram vinte e quatro horas ele pensando nela e vice-versa. Mas era hora do jogo, hora da verdade. A disputa começou tensa, os jogadores estavam nervosos. O Barça não era o Barça em campo. Perdido. No final dos primeiros quarenta e cinco minutos o time adversário marcou. Desolados, seguiram para o vestiário, quinze minutos de bronca e ânimo pra quem sabe, a virada. E não é que ela veio. Aos dez minutos, Lionel driblou três marcadores, tocou por cima do goleiro e empatou a partida. Mas nada estava ganho com o empate e por isso Sergi não ia deixar de marcar o gol dele, do Barça, e de Luna. Aos trinta um contra-ataque puxado por Messi, um passe brilhante para Sergi que só precisou calibrar o chute e correr para torcida. Não sabia onde ela estava, mas com a mão formada em L e o escudo na boca, ele fez seu dia. Não só o dele, como o

de uma nação inteira. O Camp Nou explodiu de alegria e lágrimas.

Flashback OFF:

O arbitro apitou. O Barça se consagrou campeão

espanhol. Ela desceu as escadas do Camp Nou. Ele correu do meio de campo para a entrada do campo. E depois de noventa minutos de muita tensão, enfim um abraço que ficou perdido por dois meses.

– Finalmente, mi cielo.

Luna Castelamare

Ficha

Nome: Courtney Forbes

Idade: Aproximadamente 17 anos

Local de nascimento: Uma cidade próxima à Pensilvânia, cuja população é financeiramente privilegiada.

Histórico: Uma garota chamada Courtney tem uma irmã chamada Alison, por quem é obcecada. Courtney sempre imitava a irmã e um dia ela tenta matá-la alegando que só ela merecia ser Alison, a verdadeira. Então é mandada para um manicômio, até sair de lá em um final de semana para visitar a família e finalmente matar a irmã. Assim, Courtney é mandada de volta para o manicômio e, como parte de sua terapia, começa a escrever histórias.

Arthur foi o nome que meu pai escolheu pra mim, um garoto pequeno gordinho, muitas vezes chamado de bolinha pelos “amigos”. Sofri muito bullying, mas sofri calado. Tímido e calmo, não era de falar muito (e ainda não sou), por isso resolvi escrever, era a melhor forma de pôr minhas angústias pra fora sem ter que escutar as duras palavras que o mundo inventou para me colocar para baixo, me fazer triste.

Sempre fui zoadado, mas piorou e muito no 6º ano, quando fui quase obrigado pelos meus “amigos” e professores a criar um facebook. Eu não queria criar um facebook porque acho que as pessoas não precisam saber da minha vida 24hrs por dia, e também não quero saber o que acontece com as pessoas 24hrs por dia. Mesmo assim criei para que todos parassem de me encher. Quando eu finalmente criei, as piadas só pioraram. Quando minha mãe me marcava nas fotos da família e

meus amigos me marcavam nas fotos da escola, todas em que eu aparecia tinham piadas de muito mau gosto ao meu respeito. Aconteceu o que eu menos esperava: a internet e o facebook viraram uma forma mais rápida e malvada das pessoas fazerem picuinhas.

Passei o ensino fundamental todo sendo alvo dessas piadas, por causa disso fiquei mais quieto e agressivo. Não falava com ninguém e, quando as pessoas falavam comigo, eu ficava sisudo, não lhes respondia. Em casa, minha mãe e meu pai não perceberam nada, pois eu chegava e ia direto para o meu quarto ver televisão e escutar música. Foram anos horrorosos, eu tirava notas boas na escola, o que levava as pessoas a também me chamarem de nerd.

Quando cheguei ao ensino médio, melhorou um pouco, era uma nova escola, com novas

peessoas, consegui fazer alguns amigos que eram bem legais e se pareciam comigo, mas algumas pessoas ainda faziam essas malditas piadas sobre mim, piadas novas que eu nunca tinha ouvido antes, o que não era legal, mas era bem mais fácil de aguentar com meus amigos do meu lado me dando força.

Hoje estou milionário, minha vida mudou rapidamente quando virei dono de uma das maiores empresas aéreas do mundo. Consegui

me formar em engenharia aeroespacial e com a ajuda daqueles amigos consegui capital para abrir a companhia. Já viajei para vários lugares do mundo, conheci vários continentes e culturas diferentes, reencontrei aqueles “amigos” também, os da infância, e todos fingiram que éramos super próximos desde sempre. Recebi até alguns telefonemas de velhos conhecidos que queriam me encontrar pra lembrar o que, pra eles, foram os bons tempos da infância.

Arthur Silveira Costa

Meu nome é Richard Johnson , nasci em 10/03/1944 em uma cidade pequena próxima a Londres, meu pai foi morto em guerra antes que eu completasse um ano, fui criado por minha mãe e por e meus avós .

Sem muito dinheiro, desde pequeno me acostumei com a simplicidade, aos 14 anos tive meu primeiro contato com o rock ao ver o Elvis Presley em um programa de tv, aquilo pra mim era muito ousado e inovador e, de certa forma, me atraiu. Aos poucos fui crescendo e os conflitos com minha familia foram aumentando, até que fui expulso de casa em 1962, aos 18 anos, daí eu comecei a procurar emprego. Foi quando achei oportunidade de trabalho em uma loja de discos, onde aprimorei meu contato com a música. Com isso fui ouvindo artistas da época como os Beatles e mais tarde os Rolling Stones, meu interesse pelo assunto aumentou, até que resolvi comprar uma guitarra e formar uma banda de rock, em 1967 larguei meu emprego e comecei a me dedicar à banda.

Fomos ficando mais famosos na região, minhas letras nunca tocavam na rádio, mas tínhamos a esperança de que ficaríamos famosos, até que tudo piorou em meados de 1969, quando comecei a usar heroína atrás de inspiração.

Gastava todo meu dinheiro com drogas e não ia mais aos ensaios até que fui expulso da banda e de meu apartamento por não pagar o aluguel.

Vivi algumas semanas na rua, até que um amigo me ofereceu carona para um vilarejo hippie no interior do país e para lá fui. Hoje, vivo do mais simples e pacífico possível, curtindo a ondas da vida.



Louise Florencio





Ilustração: *Renata Cruz*

DOSSIÊ VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

“Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo.”

Gabriel García Márquez, Cem anos de solidão

Nossa vontade de amar, de onde vem? A de Drummond veio de Itabira, noventa por cento de ferro nas calçadas, oitenta por cento de ferro nas almas. Nossas vontades, nossas perspectivas nascem, não se espantem, do mesmo chão de que viemos. Lugares secretos, lugares mágicos, lugares tão importantes quanto personagens, lugares com personalidade (sim!), todos nós carregamos essa geografia ímpar. Convidados a viajar, a percorremos atrás de Pasárgadas e Macondos, tão bom ser amigo do rei.

Já visitamos muitos lugares, mas quais deles insistem dentro de nós?

*“a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa”*

Ferreira Gullar, Poema Sujo

Obras e textos de referência: “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez / “A jangada de pedra”, de José Saramago / “O cortiço”, de Aluísio Azevedo / “Confidência do itabirano”, de Carlos Drummond de Andrade / “Poema Sujo”, de Ferreira Gullar / “Vou-me Embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira

Lugar Em Branco

Um lugar onde só é permitido a minha presença, não é grande coisa, na verdade é bem pequeno comparado ao que poderia ser considerado pelas outras pessoas.

Este lugar contém um preenchimento em branco, mas não totalmente limpo, porque seus antecedentes já foram preenchidos com tinta preta, grafite 0,5 e folhas de fotografia.

Este lugar é algo que tem o de mais valioso para mim. É algo que a partir do momento em que se declarou meu, sempre será meu. E não, isso não é egoísmo da minha parte, afinal se tivesse que dividi-lo, não precisaria tê-lo.

Este lugar é onde eu me revelo, me exponho, é onde tudo o que eu faço ou deixo de fazer, penso ou deixo de pensar, falo ou deixo de falar, desejo ou deixo de desejar, se encontram!

“ELE” não é só um lugar, ele é meu confidente. Na verdade há vários desse tipo, escondidos, pois eu os tenho desde a minha gloriosa alfabetização.

Em consequência disso, possuo um lugar que por direito é só meu, o que não seria possível se alguém não tivesse me ensinado como segurar um lápis de forma que eu consiga ter minha completa liberdade realizada somente por um movimento circular em um espaço em branco.

Naomi

1973. A Terra já não é mais a última fronteira, e os navios que antes partiam para o Ártico, Antártico e Pacífico já não partem mais. Agora seus destinos são outros, e suas formas também. Os grandes navios não são mais de madeira, corda e piche. Agora os portos são reluzentes complexos metálicos em meio às metrópoles, e as naves colossais veículos do mais puro material, melhor e mais resistente que o aço, são ligadas agora pelo fogo de enormes indústrias, e cobertos agora por um gel fumegante, que as protege do frio de onde navegam, o espaço.

Sim. O espaço, o maior mistério de nosso tempo, já é explorado e cada vez mais conhecido nesse futuro de maravilhas. A lua já é, há muito, conhecida, e pequenos postos de abastecimento e repouso em sua superfície servem de suporte a naves que vão e vêm. Vênus e Mercúrio já foram também visitados, estes dois graças à outra descoberta, pois foi com um gás encontrado na atmosfera Antártica, que deixa o gelo congelado nos polos, que se pôs dentro da nave para proteger os exploradores

do calor extremo destes planetas. Um destino, no entanto, continua inexplorado.

Marte, o Planeta Vermelho, nosso vizinho próximo continua desconhecido da humanidade, mas não por muito.

A Bélgica está investindo fortemente num projeto de ida a Marte. Num esforço conjunto entre indústria e estado para conseguir alcançar a meta mais audaciosa do momento, e os anos de investimento estão próximos de mostrar seus resultados, e o lançamento está agendado para o próximo mês.

Os 97 tripulantes, incluindo o engenheiro Dietger Martens, o astrônomo Gervaaas Hermans, o Geólogo Ludolf Lambert, a pintora Ida de Meyer, o meteorologista Florent Peeters, o cartógrafo Jens Janssens, a comandante Roos Leclercq, experts em seus campos facultativos, usam os dias restantes para aproveitar o máximo com a família e amigos, pois estão embarcando na jornada de suas vidas, e não sabem se voltarão com elas.

Cecilia Stuart-Hamilton

A Vila do Sorvete

Voltando de viagem do sul, passo perto daquela cidadela que tanto amei, o motivo desse sentimento se explica no passado e se situa dentro desta cidadela, estou falando da “Vila do Sorvete”.

Aos olhos normais, ela era uma rua estreita sem faixas amarelas, nas suas margens não havia nenhum tipo de carro, apenas algumas bicicletas, prédios baixos com falhas de pintura, porém no fim da rua, uma pequena loja compacta e enfeitada era motivo de eu ser feliz.

O sorvete era algo inacreditável, me fazia tirar o fôlego e logo o cochilo.

Esse é o motivo e eu ver aquela rua como a “Vila do Sorvete”, que na realidade, nada havia de especial, porém meu amor por nunca termina. Entretanto, se me sugerir o meu retorno a ela irei recusar sem hesitar. O motivo não está na probabilidade de o sorvete ser nem tão bom quanto pensava e nem na suposição da loja poder já ter falido, meu medo verdadeiro se relaciona ao meu reencontro e a minha impressão ao ver local e, então esquecer o meu antigo pensamento ingênuo, porém memorável sobre a Vila do Sorvete, e perceber que a verdadeira Vila do Sorvete se encontra na minha mente e não no endereço do local.

João Pedro

Cortinas e coxias

Das tuas cortinas catalãs
Do teu idioma misturado.
Sempre cheio,
Sempre lotado.

O centro de Barcelona, com suas festas badaladas,
Não quieta nossos passos de ballet clássico.

Mas se fosse pra escolher
Um lugar pra se viver
Não tenha dúvidas,
Nas tuas coxias me esconderia.

E se é pra fugir
Sem ter mais pra onde ir,
Meu Teatro Catalão, ah como sempre te quis.

Luna Castelamare

O meu lugar favorito, quando eu era criança, era a casinha de boneca que o meu pai fez para mim e para a minha irmã. Ela era toda feita de madeira, com o telhado vermelho e a porta e a janela laranjas.

Lá era um lugar onde eu podia ser quem eu quisesse. E a casinha de boneca também se transformava a cada dia. Um dia era um restaurante, no outro uma loja... Enquanto eu ia

crescendo a casinha ainda se transformava, mas de maneiras diferentes. Agora eu lia, dormia, podia pensar, falar sem ninguém me recriminar dentro dela.

Eu me sentia muito bem assim, pois lá estava realizada.

Hoje o meu lugar preferido é o meu telhado, nele eu me sinto segura, por incrível que pareça.

Autor desconhecido

A Galileu jazia no escuro buraco. A tripulação se recompunha após o pouso, e agora o momento mais esperado de toda a jornada se aproximava.

– Estas mochilas aguentam o dobro do que vocês estão levando, se encontrarem água ou alimento não hesitem em pegar o quanto possível.

– Entendido, Dietger. E você acha que depois de meses comendo mexilhão cultivado e bacalhau salgado nos recusaríamos a comer alguma outra coisa?

– Eu te levo na Neuhaus quando voltarmos, Jens, agora vão lá e voltem logo.

A escotilha se fechou, Gervaas riu:

– Ranzinza na Terra, ranzinza em Marte. Esse é o Dietger...

O pequeno grupo começou a andar na direção da saída do buraco. A inclinação de uns vinte e três graus era leve e não dava cansaço. O solo era composto de rocha avermelhada, com ocasionais pedras escuras soltas pelo caminho.

– Todas ígneas, disse Ludolf, parece que aterrissamos em uma área de origem vulcânica.

– Eu só me pergunto que tipo de terreno vamos encontrar? – perguntou Jens – Como será o formato de minha cartografia final, e o que enfrentarei para passá-la ao papel.

– E eu me pergunto como serão minhas pinturas... – Disse Ida.

Enquanto subiam, suas ansiedades e suas expectativas cresciam mais e mais. Em breve alcançaram o ponto em que a luz do sol penetrava o túnel, eles cerraram os olhos ao entrar em contato com a luz intensa, mas continuaram em seu caminho. Logo puderam ver um céu azul com algumas ralas nuvens cirrus. Os quatro sorriram em ansiedade, estavam prestes a sair do túnel. Todos respiraram fundo e tomaram os passos finais até a saída, e ficaram boquiabertos com o que viram.

Eles haviam saído no topo de uma grande rocha irregular e avermelhada de uns cinco metros de

comprimento, coberta de rachaduras. A pedra jazia em uma área arenosa com uma leve inclinação de uns onze graus que eventualmente encontrava uma enorme planície que se estendia por uns dois quilômetros até alcançar um grupo de enormes rochedos verticais de rocha avermelhada do mesmo tom que o túnel. Na inclinação em sua frente, no entanto, havia algo completamente inesperado. Plantas.

Dezenas de troncos retorcidos e rugosos, de cor verde escura e com ameaçadores espinhos cônicos do tamanho de uma mão se entrelaçavam em um complexo labirinto de punhais esverdeados. Pela inclinação abaixo a faixa verde continuava a descer até chegar à planície onde se juntava a uma extensa linha escura no meio do areal. Um rio. O Planeta Vermelho tinha água.

Após fitar o rio, eles lentamente voltaram seus olhos para trás. Eles haviam batido na base de um rochedo alto de rocha avermelhada muito semelhante aos penhascos do outro lado do vale, só que estes eram mais altos. Ao descer o olhar de volta à base do rochedo, viram uma pequena corrente de água brotando da rocha a um metro de altura do chão e formando um córrego que adentrava o labirinto esverdeado. Então era a água enriquecida pelos minerais da rocha vulcânica que dava vida àquelas plantas.

O vento que soprava em suas caras não era quente, e sim morno, até um pouco frio às vezes. Ele era um pouco forte, mas não constante, e sua intensidade flutuava entre brisas mornas e inesperadas rajadas frias que duravam alguns segundos. Acima, as esparsas nuvens cirrus lentamente se moviam no céu, mudando de formato, como finos rios fazendo curvas sutis ao longo de seu percurso.

Após algum tempo fitando aquele cenário encantado, Jens, o mais extrovertido do grupo, de repente se virou e saltou de cima da rocha onde o grupo estava e aterrissou com força na areia fofa, levantando uma nuvem de poeira. Os outros o observavam perplexos, até notarem que ele estava se dirigindo à fonte. O grupo se assustou, pois sabiam da natureza despreocupada de Jens, e Ida, preocupada, gritou:

- Jens, seu louco! Você viajou esse caminho todo e agora vai se matar aqui?!?
 - É justamente por causa dessa viagem tão longa que eu quero beber um pouco de água fresca!
- Ida murmurou, Gervaas deu uma risada, Ludolf tinha um largo sorriso na cara, cheio de curiosidade, Florent olhava aquilo de olhos abertos cheio de espanto. Jens chegou à fonte e se agachou. Ele examinou a água por alguns segundos e começou a levantar seu braço, quando foi interrompido por Ida:
- Jens, não ouse levantar essas mãos!
 - Pois bem.

E abaixou sua cabeça e a virou de boca aberta para a fonte, deixando a corrente cair dentro de sua boca. Ida exclamou, Gervaas abriu um pequeno sorriso no lado direito de sua cara, Florent abriu a boca em espanto e Ludolf abriu a sua em um enorme sorriso de quem não acredita no que vê. Logo após, no entanto, Jens fez uma cara de desgosto e cuspiu um jato na areia. Ele limpou sua boca e disse:

- Parece que eu bebi uma bola de canhão. Ferro puro...

– Deve ser do rochedo, eles devem ser bem ricos em ferro, disse Ludolf, e essa cor avermelhada deve vir daí...

– Eu só me pergunto uma coisa, se a água é assim tão ruim, então imaginem aquelas frutas! Disse Florent.

– Frutas, que frutas, Florent?!?

– Aquelas ali, olha!

Florent levantou seu braço e apontou na direção do aglomerado de plantas. A princípio parecia não haver nada de especial no emaranhado de troncos rugosos, mas ao olharem com mais atenção, notaram que em diversos pontos havia manchas amarelas nos troncos. Eram frutas. O grupo ficou ainda mais estupefato e Jens, que já estava próximo das plantas, resolveu ir investigar. Ludolf, que também estava muito ansioso, sorriu e pulou para a areia para se juntar a Jens. Gervaas exclamou:

– Ei espere por nós!

E então Gervaas desceu da rocha e ajudou Ida a descer enquanto Florent descia. Uma vez que todos haviam descido, o grupo cuidadosamente penetrou o maciço labirinto de plantas, constantemente tendo que forçar o caminho afastando os troncos que ficavam na passagem, troncos estes que, para a surpresa de todos, eram não só rugosos, mas também um tanto moles, um pouco parecidos com borracha.

A expedição continuou pelo matagal até que Gervaas, que ia à frente, afastou um tronco que crescia na diagonal e parou ao se defrontar com uma pequena clareira que a pareceu depois do tronco. Gervaas ficou ali parado olhando o que viu até que a voz de Ludolf o trouxe de volta a consciência e o lembrou de dar passagem a seus colegas.

Mal havia espaço para os cinco na clareira, e Gervaas tinha de se curvar para que sua cabeça não tocasse em um enorme espinho. O sol penetrava pelo topo por uma brecha natural na vegetação. Foi olhando para o topo que viram a dois metros e meio do chão um agrupamento de três frutas retangulares e arredondadas do tamanho de um antebraço, da cor do limão siciliano e com espinhos cônicos de um centímetro.

Enquanto o grupo olhava as frutas, gervaas se adiantou e, apoiando os pés nos troncos mais baixos apanhou as três frutas. Elas eram ásperas como um melão e tinham uma casca grossa, Gervaas as entregou a Ludolf conforme descia. E Ludolf botou uma em sua mochila e as duas outras na de Gervaas. Jens então exclamou:

– Pois é! A gente tinha que coletar amostras...

Então tirou de uma bainha em seu cinto uma pequena faca, e com ela cortou um pedaço da casca de um tronco atrás dele, tirou então um vidro de sua mochila e pôs a casca que soltava um visco

esverdeado dentro dele. Depois cortou fora um espinho e o pôs em outro vidro. Terminada a coleta, o grupo se embrenhou de volta pela trilha que haviam criado.

Em uma questão de poucos minutos já estavam de volta ao ponto inicial. Lá Jens pegou seu cantil e o encheu com água da fonte. Gervaas já estava subindo a rocha para voltar à nave quando Ludolf disse: – Só esperem um pouco, por favor, vou pegar umas amostras também...

E com um pequeno martelo de geólogo quebrou um pequeno pedaço do rochedo e o colocou em um vidro. Logo após se agachou e coletou um pouco de areia em um frasco. Tampou-o e se levantou dizendo:

- Pronto, pronto! Já podemos ir. Eu mal posso esperar para analisar estas amostras na nave!
- Eu mal posso esperar pela cara do Dietger quando ele beber dessa água! Disse Jens.

Gervaas deu uma pequena risada. Ele não acreditava no que acabara de ver, vida em outro planeta! Ele suspirou e, emocionado, entrou no buraco onde estava a nave.

Cecilia Stuart Hamilton



O Lugar dos Sonhos

Enfim férias, nossa! Esse ano foi louco, mas finalmente começaram as férias de verão.

Meu nome é Lucas, tenho 16 anos, e amanhã vou viajar para a casa de campo, essa casa de campo fica numa cidade um pouco afastada, mas quando chegam as férias de verão todas as pessoas vão para lá.

Eu vou com meus amigos: Edgar, Allan, Paulo, e Evan.

Nós acabamos de chegar e o Edgar foi dirigindo,

porque ele é o mais velho. Nossa! A cidade está mesma cheia de pessoas, principalmente mulheres. Então, para marcar presença, a gente já foi para a cidade para os restaurantes conhecer o pessoal. E sexta-feira vai ter uma lá em casa, já falamos com todo mundo.

Esse lugar é perfeito: mulheres, surf e curtidão com os amigos. Eu acordo nove horas para ir surfar e fico lá até meio-dia quando o mar está bom.

Então... esse é o meu lugar dos meus sonhos.

Matheus Rocha

Velha Ravenswood

A Velha Ravenswood é uma cidade diferente, onde as coisas são menos coloridas, a felicidade menos feliz e a liberdade limitada pela mente.

Um lugar onde as pessoas são cegas, porém enxergam, pobres, mas não de riquezas, um lugar onde nada se destaca, pois tudo é sempre igual. A rotina é uma lei imposta pelo próprio pensamento. Tudo é cinza e monótono como uma ditadura gerada pela própria mente para ser aplicada em si.

Todos programados e preparados para agir sempre da mesma forma.

Courtney Forbes

O Náufrago

Vamos começar dizendo o nome do nosso personagem, o nome do nosso personagem é ... deixa pra lá, vamos chamá-lo de Nada.

Nossa história começa com Nada em um grande cruzeiro, um cruzeiro branco e com uma grande piscina no meio dele. Numa noite, Nada estava enjoado e resolveu sair de sua cabine e tomar um ar fresco. Chegando no deck, começou a ver muitas nuvens negras chegando. Com as nuvens veio uma grande tempestade e devido uma chuva forte o deck ficou muito molhado, o que fez a sua volta à cabine impossível. Cinco minutos depois, Nada escutou um grande estalo, então o cruzeiro se partiu e tudo ficou escuro.

Nada acordou em uma praia deserta, na praia haviam grandes e altos coqueiros, muitas plantas pequenas e verdinhas. Estava tentando achar algum corpo perto da margem. Depois de passar horas procurando algo ou alguém, Nada não achou nada. Alguns dias passaram e ninguém vinha procurá-lo. A noite os grandes coqueiros começaram a assombrá-lo em seus sonhos.

Meses passaram e Nada enlouqueceu, os antes grandes e belos coqueiros viraram grandes ameaças! Em uma manhã ensolarada, finalmente desistiu e sob a visão dessas monstruosas árvores Nada tirou a própria vida.

R. Freitas





Ilustração: *Joaquin Pedro*

DOSSIÊ DE VOLTA PARA O FUTURO

“Marcar o papel era o ato decisivo. Em letras miúdas, desajeitadas, escreveu: 4 de abril de 1984.

Recostou-se na cadeira. Estava possuído por uma sensação de absoluto desamparo. Para começar, não sabia com certeza se estava mesmo em 1984. Devia ser por aí, visto que estava seguro de ter trinta e nove anos e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas nos tempos que corriam era impossível precisar uma data [...].”

George Orwell, 1984



Se historiadores e literatos concordam em alguma coisa, essa coisa é a de que o tempo pulsa, respira, fala, de que diz sim ou não com base nas perguntas de cada época. Em certos anos se ama como Romeu amou Julieta, em outros como Capitu amou Bentinho. O que o hoje pode então perguntar para os tempos idos e para os que ainda nem sequer foram vividos?

Contudo, para o desespero dos estudantes de história, usamos as chaves da literatura e com ela escancaramos as portas da eternidade. Fomos, cada qual, para presentes passados e futuros distópicos. Aqui... não há linha do tempo.

“É evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má foi ela, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como.”

José Saramago, História do Cerco de Lisboa

Obras de referência: “1984”, de George Orwell / “Era no tempo do rei, um romance da chegada da Corte”, de Ruy Castro / “História do cerco de Lisboa”, de José Saramago / “A conspiração franciscana”, de John Sack / “Os vendilhões do Templo”, de Moacyr Scliar / “Watchmen”, de Alan Moore e Dave Gibbons / “V de Vingança”, de Alan Moore e David Lloyd

Ele acordou dentro de um túmulo.

“Deu certo”, pensou. Demorou algum tempo mas finalmente voltou ao passado, não sabia onde ou quando se situava, mas sabia que tinha voltado no tempo. A ideia era renascer dentro de seu ancestral, porém estava muito escuro, sabia que tocava em um cetro de madeira, vestia uma tanga, e aparentemente estava dentro de um caixão, mas fora isso não sabia nada.

Depois de um certo esforço conseguiu sair do caixão. A luz do archote quase o cegou. Percebeu que estava mumificado, por isso não se locomovia muito bem, mas sua sorte era que o tecido que o cobria estava velho, por isso conseguiu sair dentro de sua cova e pegou o archote, iluminou onde estava e viu símbolos estranhos. Sua sorte era que tinha aprendido alguma coisa sobre imagens egípcias e entendeu o que estava escrito com dificuldade pela pouca luminosidade e por que as imagens estava muito acabadas com o decorrer dos anos.

Com um susto percebeu que era Narmer, o faraó. E após uma caminhada pelas seguintes tumbas notou que pela ordem de faraós que aquela civilização estava a ponto de ser saqueada, por isso correu, não sabia por quanto tempo, mas correu muito e finalmente encontrou o fim da pirâmide, ficou um tempo cego pela luz do sol, só então percebeu os olhos que estavam penetrados nele.

Alguns egípcios gritaram. Algo sobre o faraó ter renascido. Mas não tinha tempo para isso e gritou para que se protegessem dos saqueadores, mas não o escutavam, estavam o reverenciando.

Então, após uma olhada no horizonte percebeu que era tarde demais, os romanos notaram a distração dos egípcios e atacaram.

“Podíamos ter ganho”, pensou. Era culpa sua eles terem se distraído, poderia ter mudado a história, mas já estava acabado, o exército romano estava em cima deles.

“E assim termina a era do antigo Egito”, pensou. Deu um suave e longo salto da pirâmide para a morte.

João Pedro

3º Guerra-Mundial

1º de janeiro de 2030, a virada do ano mais triste da história. Quatro anos atrás, neste dia, iniciou-se a 3º Guerra-Mundial e, no fim do ano passado, ela finalmente havia acabado, com mais de 200 milhões de mortos europeus e cerca de mais 100 milhões de mortos americanos. Eu fui um dos soldados dessa guerra. Brasileiro, alistei-me assim que fiz 18 anos e,

meses depois, fui chamado para servir meu povo. O Brasil entrou na guerra logo após ela ser iniciada e foi o maior aliado dos Estados Unidos no combate à Alemanha e seus aliados.

Em 2025 a China havia ultrapassado os Estados Unidos e tinha se tornado a maior potência mundial,

com a economia dos Estados Unidos em crise e por conta de seu domínio cultural sobre o resto do mundo estar perdendo força, os americanos que achavam estar no topo do mundo já não tinham tanta influência mundial como antes, países como o Brasil e a África do Sul estavam quase o ultrapassando economicamente, num jogo político os que antes eram “esnobados” pelos americanos, agora esnobavam. Do outro lado do mundo, havia ressurgido o sentimento nazista na Alemanha e países vizinhos se preparavam para uma eventual guerra, armas nucleares eram preparadas, era necessário apenas uma faísca para que aquele fogo se acendesse, a primeira presidente dos Estados Unidos Renata Suzuki havia sido morta por um alemão em pleno território americano enquanto fazia um discurso.

Aquele alemão tinha conseguido a faísca que faltava para que o fogo fosse aceso. Um dia após aquele dia fatídico, os noticiários afirmavam que uma bomba atômica havia caído em plena cidade de Berlim, na Alemanha, toda a população tinha sido dizimada, mas não ficou só nisso. Para se vingar, o presidente alemão Felipe Salles jogou uma bomba nuclear na Flórida, o que pareceu estranho para a maioria das pessoas. Por que ele jogaria uma bomba logo na Flórida? Mas, na verdade, isso foi um dos melhores estratagemas da história. Na Flórida se encontrava a Disney, um dos lugares mais visitados dos Estados Unidos e talvez a parte americana que tinha maior influência sobre o mundo, já que atingia principalmente as crianças,

e perdendo aquele “mundo mágico” não haveria como o povo americano influenciar mais o resto do mundo, começando pela infância. Nesse momento, o Brasil entra na história e eu entro junto. Com o intuito de proteger o continente americano, o Brasil faz uma aliança com os Estados Unidos, mas no mesmo momento a Alemanha faz uma aliança com a China e o Japão. Com uma desvantagem numérica, a aliança americana chamou a França para ajudá-la nessa guerra. A França serviria apenas como uma base, não precisaria enviar tropas nem nada do tipo, ela só serviria como posto de abastecimento, já que era o único país da Europa que os ajudava e a guerra era mais marítima e aérea, sem quase nenhum confronto por terra.

Fui enviado para a França quando já estávamos no 3º ano de guerra e já havíamos perdido mais de 200.00 mil soldados, a aliança americana estava ganhando, os países europeus já estavam desgastados e só faltava uma carta dos Estados Unidos para ganhar a guerra, e essa carta veio rápido, como um míssil, uma bomba nuclear dizimou toda a Alemanha e sua população, logo toda a história alemã virou cinzas.

Após o ataque, os outros países se renderam, mas logo começou uma revolução socialista na América e essa guerra entrou para história como a morte do nazismo e a aniquilação do capitalismo, já que o país mais capitalista do mundo havia se tornado socialista. Apesar de tudo isso, eu tenho orgulho em dizer que fiz parte da 3ª guerra mundial.

Hugo Florêncio

A redação do inocente

Manhã em Petrogrado, mas não a Petrogrado que conhecemos. Os alaranjados tons do sol nascente sob a neve em telhados encardidos e ruas sujas revelam os primeiros trabalhadores. Eles andam o mais calmamente possível, mas por dentro estão banhados de apreensão. O grito de uma mulher que conduz um menino pela

mão revela o porquê. Há um corpo virado de costas ao alto no meio da rua. Havia sido morto ontem à noite.

Cenas como esta são comuns na Rússia, em 1941. Neste terrível cenário futurístico, nosso país é dominado por um terrível governador autoritário que comanda o país sozinho e com mão de ferro. Tendo se instaurado no poder anos antes, ele expulsou do país toda a concorrência, e deu ordens para assassinar quem se opusesse a seu regime, logo, milhares de russos já foram assassinados em seu governo.

Mas não são apenas os adversários políticos que sofrem sob o comando deste tirano opressor. O povo também é oprimido. Vivendo sob a incessável propaganda de seu líder, e afrontados pelo poder bélico das tropas do governo, o povo russo vive sob constante manipulação, com a pena de execução a quem foge à regra.

Quanto aos países do exterior, têm a Rússia como potência exemplar, pois caem pela imagem grandiosa que as autoridades lhes passam quando representantes de outr...

– Já acabou?

– Ainda não, Mestra. Estou escrevendo uma distopia sobre um terrível ditador que lidera a Rússia no futuro.

– Nossa, que interessante! Mal posso esperar para ler sua redação, Joseph.

Joaquin Pedro

Getúlio Tolo Vargas

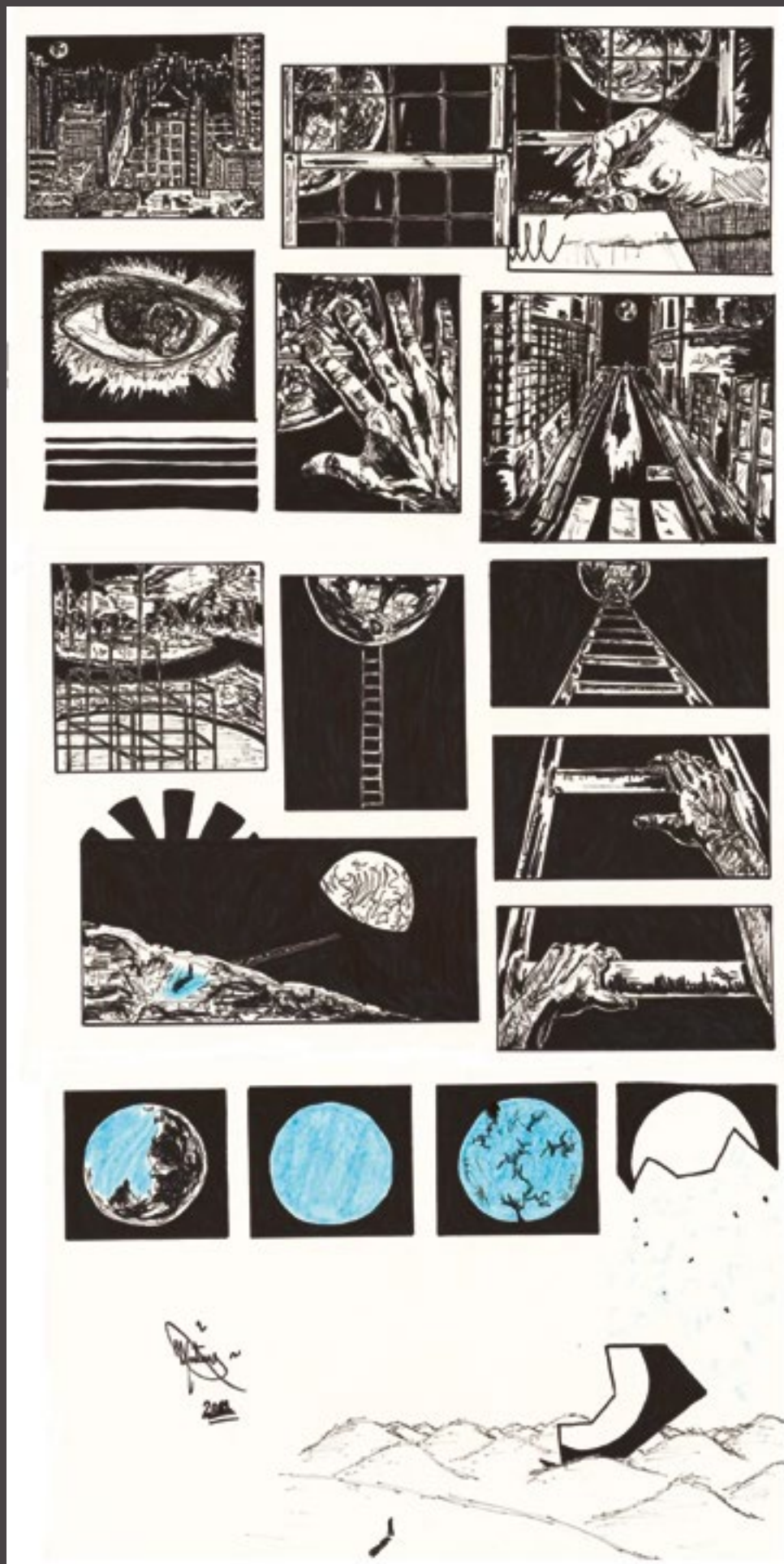
Hiroshima e Nagasaki. Quantas histórias essas duas cidades têm. Muitos japoneses contam e relembram até hoje todas essas histórias, a maioria, devo dizer, tristes, frágeis, desoladas. Mas, você caro leitor, sabe a verdade sobre o que passou por aquela bomba atômica? Creio que não.

A primeira explosão em 6 de agosto de 1945, começa cinco anos antes, do outrolado do mundo, no nosso tropical Brasil. Calma, vamos com calma. Vargas, ao assumir em 1930, já tinha pretensões enormes. Contatos aqui e ali. Rússia, EUA, China, Espanha. Vargas estava enfurnado por todos os cantos. Em 1940, em uma viagem aos Estados Unidos, tudo começou. Vargas fez reuniões, assinou inúmeros

papéis, e teve uma coisa certa: o Brasil financiaria tudo que envolvesse essa explosão, poderia até ceder aviões. Ele precisava fazer parte dessa história horrorosa, Vargas precisava. E não é que ele conseguiu? Ao voltar dos EUA com tudo assinado e preparado, só esperava o momento certo para “decolar” sua bomba.

Agosto de 45 iniciou frio, triste, ninguém aguentava mais a Guerra. Mas Vargas aguardava, empolgado devo dizer. 6 de agosto. E o Presidente brasileiro é surpreendido com a catástrofe que financiou. O tolo ainda ousou dizer a alguns que não esperavam uma catástrofe desse nível. E tudo isso por uma rivalidade com o Chile. Hein? Isso fica para outra história...

Luna Castelamare



DOSSIÊ EM UMA GALÁXIA MUITO, MUITO DISTANTE

“Se fosse assim, certamente os habitantes da caverna nada poderiam ver além das sombras das pequenas estátuas projetadas no fundo da caverna e ouviriam apenas o eco das vozes. Entretanto, por nunca terem visto outra coisa, eles acreditariam que aquelas sombras, que eram cópias imperfeitas de objetos reais, eram a única e verdadeira realidade e que o eco das vozes seria o som real das vozes emitidas pelas sombras.”

Adaptado de Platão, A República

Você leu o título do presente dossiê cantarolando a famosa trilha de John Williams para a saga Star Wars, de George Lucas, eu sei que é verdade. Em seguida, assustou-se com a filosófica citação em meio a tantas já consagradas citações literárias. Estaria você em outra realidade? Estarei eu lendo a sua mente?



Desta vez, ampliamos o universo fantástico e conectamos no cérebro os fios da ficção científica. Com uma ajuda especial da sétima arte, entramos na Matrix carregados da experiência daqueles que já adentraram a caverna de Platão. Ciência, arte, filosofia, entretenimento, bebemos tudo de uma vez, poção poderosa como a do Dr. Jekyll.

O que tal mistura terá criado?

“[...]”

– Se o amigo não fosse filósofo – respondeu Micrômegas, – eu temeria afligi-lo dizendo-lhe que a nossa vida é setecentas vezes mais longa que a sua. Mas bem sabe que, quando nos cumpre devolver o corpo aos elementos e reanimar a natureza sob outra forma (que é o que se chama morrer), quando é chegado esse instante de metamorfose, ter vivido eternidade, ou um dia, é precisamente a mesma coisa.”

Voltaire, Micrômegas

Obras e filmes de referência: “Vinte mil léguas submarinas”, de Júlio Verne / “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson / “Micrômegas”, de Voltaire / “A República”, de Platão / “Matrix”, dos irmãos Wachowski / “Star Wars”, de George Lucas

Carta 1:

Há muito tempo houve relatos de doenças que tornavam as pessoas agressivas e violentas, no entanto essa doença ainda é desconhecida .

Escrevo esse texto para alertá-los de que o pior está por vir e, se não nos mobilizarmos, acontecerá o inevitável. O que está acontecendo é o seguinte, uma agência chamada Genetec anda fazendo experimentos genéticos com pessoas, a fim de criar super-humanos, pelo menos é isso que deu a entender, contudo esses experimentos não deram certo e as pessoas submetidas a testes se tornaram monstros. Os cientistas perceberam que a doença tinha três estágios, o primeiro é apenas comportamento agressivo, no segundo a pessoa fica deformada fisicamente e consideravelmente mais forte e, no último, não parece mais humana. Esse vírus não pode ser contido então reúna sua família e prepare-se.

Pedro II

Sky Line

– Acordem, acordem, pé rapados!

Mais um dia começa nesta droga solitária, mais conhecida como Sky Line.

Flashback On:

“Caro Aaron Ramsey, é com muita satisfação que o convocamos para embarcar no incrível Sky Line, o navio futurístico. Você e outros noventa e nove agentes públicos do mundo todo embarcarão no dia 25 de maio de 2006 para o início de revolucionários testes (de uma incrível e ainda não revelada experiência). Até lá!”

E lá fui eu, estúpido, fazer minhas malas. Era meu emprego em jogo.

Flashback Off:

25 de maio de 2007. E cá estou eu, um ano preso neste navio. A “revolucionária e incrível” experiência deles era criar injeções que viriam a funcionar como alimento e água das cobaias ali presentes,

para podermos substituir nos mercados alimentos e bebidas por estas injeções. Eram três por dia, representando café da manhã, almoço e jantar. Doía muito. Também conseguiram inventar para aqueles que eram melhores colocados na sociedade, injeções que impulsionavam a inteligência. O problema é que tirando eu, Selene, Jack e Charlotte, os outros achavam aquilo maravilhoso, um grande avanço para a ciência – claro, ao invés de gastar dinheiro com alimentos, era só injetar aquilo. Também achavam que seria barato. E naquela espécie de big brother (já que tudo era filmado e controlado), tinha gente que vivia bem, infelizmente.

Enquanto alguns alimentassem a ideia de que aquilo era bom e produtivo para a humanidade, nós permaneceríamos ali. Até que a injeção perfeita estivesse pronta, coisa que nunca aconteceria, por mais que eles encontrem a perfeita, não liberariam as cobaias, cada dia novas pessoas embarcariam, novas injeções, novas loucuras.

Mesmo estando farto, eu não tinha muito o quê fazer. Suicidar-me? Recusar as injeções e ser torturado?

Tentar fugir? A segurança londrina era muito eficiente. Restava-me esperar que algum iluminado lá de fora descobrisse a sujeira que ocorria dentro do Sky Line. Injeções que funcionam no lugar dos

bons e velhos alimentos. Gostaria de saber, com todo respeito, quais foram as drogas fortíssimas que deram para a Rainha quando ela teve essas ideias? Deve ter sido essa injeção mesmo.

Luna Castelamare

A psicopata da tecnologia

Com todos esses avanços tecnológicos que estão acontecendo atualmente, muita gente está achando que pode fazer o que quiser. Existe um grupo de cientistas que vão às escolas de todo mundo e pegam os alunos do ensino médio; eles os selecionam e botam num avião.

Depois disso os alunos acordam no meio de uma floresta com um cara falando que somente o último sobrevivente sairá dessa floresta. Então os alunos começam a se matar, um brigando com o outro até a morte mesmo, um verdadeiro massacre. Alunos pegando até galhos no chão pra agredir o outro.

Mas no fim sempre um consegue sair, é um jogo psicopata onde se tem várias mortes e feridos. No último jogo um garoto chamado Josh ganhou, a tática dele foi inteligente, ele ficou o jogo inteiro escondido observando e quando qualquer pessoa bobeava, ele dava o bote e a pegava. Ele agora é o novo campeão.

Matheus Rocha

Espíritos da Humanidade

Em um futuro não muito distante, o homem irá descobrir a essência do espírito humano. Assim como a essência de um perfume, os cientistas descobrirão como extrair de um corpo humano a sua alma, que, na visão religiosa, é a parte mais “pura” de uma pessoa.

No ano de 2018, um cientista fascinado pela forma de vida humana, começou a pesquisar e estudar como e quando essa espécie, a mais poderosa do mundo, surgiu. Nos livros religiosos ele achou um fato que lhe chamou muito a atenção, muitos desses livros falavam da alma, a essência de uma pessoa, a sua modalidade mais “pura”, a única parte que se salva na morte. Black, o cientista

interessadíssimo nessas pesquisas, encontrou naqueles livros um meio de extrair almas e criar novos humanos, sem imperfeições, como a terrível ganância.

Após dois anos de estudo, ele conseguiu achar uma fórmula capaz de realizar a extração. Como sua primeira cobaia, utilizou Amanda Munique, uma jovem garota que sempre circulava pela vizinhança. Logo após sequestrar a jovem, ele começou o processo, segundo ele, uma jovem como ela teria a alma mais pura que qualquer outra pessoa, e por isso seria a mais fácil de se extrair. O processo não foi muito bem sucedido e Amanda morreu. Em busca da fórmula perfeita,

ele começou a sequestrar mais crianças, cinco para ser mais exato, e apenas na sexta ele chegou à resolução ideal. Com a alma de Clarice Watson em suas mãos, ele se deslumbrou com o que acabava de conseguir fazer, sua maior conquista.

Após tal descoberta, que entraria pra história, ele foi contar para o mundo o que havia descoberto. Como era uma coisa nunca vista, nem mesmo imaginada, o mundo ficou maravilhado com o feito de Black, ninguém se deu ao trabalho de se perguntar quantas pessoas morreram para que aquilo fosse possível, quantas pessoas sofreram, num mundo totalmente capitalista, um mundo onde o socialismo havia sido dizimado. Todos só

pensavam em uma coisa: quanto dinheiro poderia ser lucrado com aquela descoberta. Com esse pensamento capitalista as pessoas deixaram de enxergar o óbvio, que quando as almas eram extraídas, as pessoas não morriam, apenas perdiam seus pensamentos, porém continuavam “vivas”, andando por todas as cidades, assustando os demais. Como zumbis, essas pessoas continuavam a vagar pelas cidades.

Já que a maioria das pessoas havia tido a alma extraída, o mundo se tornou um caos. Zumbis andando por todas as cidades com suas almas do lado sem poderem voltar para seus respectivos donos. E o planeta se tornou assombrado com todas aquelas almas perdidas.

Hugo Florêncio

CRÔNICAS LÍRICAS

Alegria de domingo

Domingo, dia morno, manso, sem muitas expectativas.

Mas esse não.

Esse dia tão sem cor e que só serve para cozinhar o início de uma nova e exaustiva semana consegue se colorir com um único som.

Um sonoro “beep” do celular.

É ela.

De repente, o coração, que antes batia como um velho relógio com um pêndulo, lembra agora o barulho das rodas de uma locomotiva.

Abro a mensagem nervoso e esperançoso, é um “ooooiiii td bem :)”. Um sorriso se abre em minha boca, seguido de um momentâneo desespero. Reviro minha cabeça à procura de assuntos para começar uma conversa. Roupas? Um pouco gay, não quero passar essa imagem. Futebol? Funciona com algumas, mas não. Política? Sério, cérebro?

De repente, uma epifania, a festa da Ritinha na sexta! Com o assunto em mente, respondo o mais rápido que posso “td”, “animada para a festa da Ritinha?!”

Ela demora a visualizar, começo a me arrepender seriamente por ter enviado a mensagem. Começo a me flagelar com a pergunta do tipo “Pra que você escreveu isso?”, ou “Podia ter feito uma perguntinha melhor, né?”

De repente, a tão esperada visualização, seguida pelo balãozinho com três pontos que indicam que a tão esperada resposta está sendo produzida.

Mas... digamos que ela não foi a esperada.

Ela respondeu assim “Dscp, enviei para a pessoa errada:P, mas vou sim, te vejo lá:D”.

Bem, tirando o fato de que terminei de ler a mensagem igual a um tomate, a conversa até que foi produtiva. Pelo menos algum assunto vamos ter para conversar na festa:D

Evan Balotelli

A janela da alma

Desde que me conheço por gente, me pergunto qual seria a vida perfeita, aquela vida dos filmes, cheia de amor e felicidade?

Passei minha infância escutando meus familiares falarem que eu só dependo de mim para ser feliz, mas será que é verdade? Será que existe um lugar onde você entra e é feliz? Será que algum lugar tem uma janela por onde você passa e fica feliz pro resto da vida?

Mesmo que pareça clichê, mas eu acho que cada pessoa tem seu próprio conto de fadas, basta ela

se perguntar se quer ser a bruxa malvada ou a princesa/príncipe de seu conto de fadas. Eu cresci tentando achar em qual papel eu me encaixava, e descobri que meu conto de fadas só precisa de mim para se tornar realidade, a minha janela da felicidade sou eu mesmo, não adianta ficar se perguntando será que isso, ou será que aquilo, tem que fazer acontecer.

Na verdade, essa tal janela da felicidade existe, mas cabe a cada um achar a sua, quando minha mãe falava que eu só dependeria de mim mesmo para ser feliz, hoje, eu vejo que ela estava coberta de razão.

Hugo Florêncio

Fla x Flu do Amor

O juiz apita, a bola rola no Maracanã, começa mais um FlaxFlu na Cidade Maravilhosa. Mas ele, que veio com a simples ideia de ver o seu Flamengo e quem sabe sair de lá feliz com uma vitória em cima do grande rival, não conseguia tirar os olhos dela. Ela? Uma tricolor fanática, a mulher dos sonhos de muitos caras, louca por futebol, fazia tudo pelo seu Fluminense, estava tão ansiosa com o jogo, ainda não tinha reparado nele, três fileiras acima dela.

Intervalo. 2x1 pro Flamengo. Ele está contente, mas continua com os olhos nela que se levanta rumo à lanchonete. Seria muito estúpido ele ir atrás? Sim, mas ele foi. Observa cada movimento da loira e arruma um lugar estratégico o qual ela pode acabar esbarrando nele. Não é que deu certo? Com um copo de Coca e um pacote de batatinhas na mão ela tromba nele. E é aí que tudo muda. O verde no castanho. O castanho no loiro. Dois sorrisos cúmplices. Pedido de desculpa por parte dela. E um segundo tempo lado a lado.

Fim de jogo. 3x3, e que partida amigos. Gols bonitos, dribles, jogadas ensaiadas, um ponto pra cada time e o mais importante, a paz no Maraca. Mas pra ele não estava tudo perfeito, claro tinha sido uma partidaça, mas as palavras que trocou com ela foram poucas. Queria saber mais e mais.

– Ei, to falando com você, Lipe.

– Lipe? Como você...

– Jura que não lembra de mim? A tricolor mais linda e insuportável do ensino médio?

– Dio?? – O sorriso dos dois era radiante.

Não foi preciso mais que três segundos para ela pular no pescoço dele e os dois se perderam num abraço apertado e nostálgico.

Luna Castelamare

A combinação perfeita para um mundo imperfeito

Carlos e Ana tinham 15 anos quando se conheceram, viraram melhores amigos e em seguida namorados, o mais clichê e romântico tipo de namorados. Aqueles apaixonados do tipo “nada mais importa no mundo, eu te amo”. Era algo sem explicação de tão perfeito que era a junção dos elementos.

Um dia o pai de Carlos recebeu uma proposta de trabalho no outro lado do Brasil. Com tal notícia ambos ficaram arrasados, mas prometeram fidelidade um ao outro neste tempo longe e se comunicariam por cartas nos momentos em que não pudessem se ver. Então o gesto essencial em um relacionamento – o olhar, as pupilas dilatadas dizendo “eu me rendo a você” –, foi então um costume de lei corrompido. Ficou decretado ali naquele banco de praia que as palavras saídas pela boca não mais importariam, até o dia em que voltassem a se ver.

Quando Carlos se foi, logo começaram a escrever suas cartas para que pudessem ser enviadas e trocadas entre eles. Mas não foi o que aconteceu. Por algum motivo Carlos não recebera as cartas de Ana. Sendo esse o único meio de comunicação da época, 20 anos depois, Carlos volta à cidade com uma proposta de trabalho. Ele passa 2 anos na cidade Maravilhosa, com o trabalho em mente, enquanto seu coração ansiava de esperança e medo do que poderia se deparar ao reencontro com Ana.

Contudo, não haveria nenhum reencontro. Ana não fazia mais parte do mundo perfeito e sim de outro mundo, mas isso Carlos jamais saberia.

Qual foi o fim da trágica história? Isso jamais se saberá. A única coisa que concluímos é que a perfeição não é capaz de suportar a imperfeição.

Naomi

Onde os demônios se escondem

Era um sábado comum. Ellie e Margo iam passar o final de semana na casa de seu pai que acabara de se mudar. O divórcio mexeu muito com as meninas, principalmente com a caçula Margo que, mesmo tentando, não conseguia disfarçar sua infelicidade nem o desejo de ter seus pais juntos novamente.

- O que querem para o jantar? – pergunta John, o pai das meninas.
- Macarrão com queijo! – responderam as duas em coro.
- Não tive tempo de fazer compras ainda... O que acham de irmos ao mercado?

E foram. Compraram o suficiente para sobreviver os dois dias que lhes restaram. Na volta, dois quarteirões antes da casa de John, os três avistaram uma venda de garagem. Animada, Margo lembra seu pai de que ainda não havia nenhum sofá na casa nova e que aquela era a oportunidade perfeita de conseguir um, bem mais barato do que o preço de mercado.

- Acho que vai chover, então é melhor ser rápido.

Havia um único sofá à venda. Não, não era o sofá mais bonito do mundo, mas nunca achariam nada

com preço igual àquele. Por fim, comprou o sofá, afinal, não é toda dia que se encontra um sofá barato e em bom estado assim. Era uma oportunidade única.

– Querem alguma coisa? – dirigiu-se John às meninas que, fizeram que não com suas cabeças.

O homem quem organizava a venda de garagem era medonho. Velho também. Talvez por isso demorasse tanto para responder as pessoas. Ou talvez porque esteja ocupado demais matando cada pessoa que lhe dirige a palavra mentalmente. Tinha olheiras muito fortes, como de quem não dorme há meses.

– Dinheiro ou cartão? – perguntou o velho a John

O velho ajudou John a colocar o sofá em cima do carro e assim, seguiram seu caminho para casa.

Ao chegar, John e suas filhas posicionaram o sofá em frente à televisão na sala de estar e logo após, se direcionaram para cozinha para que preparassem o jantar.

Depois do macarrão com queijo, cada um foi para seu quarto. Margo acordou no meio da madrugada para beber água e resolveu sentar no sofá novo. Se jogou com toda sua força, mas caiu em uma superfície dura no assento. Tirou uma almofada de cada vez e, para sua surpresa, lá estava uma caixinha de música. Ao abrir, ouviu suave melodia que tocava enquanto a bailarina no centro da caixa girava.

Mesmo sabendo ler, Margo não conseguiu reconhecer as letras escritas no fundo da caixa, onde também estavam um anel de prata com um grande rubi vermelho, que logo colocou no dedo, e algo que julgava ela ser um pequeno osso. Dormiu minutos depois, ao som da chuva que John havia previsto horas antes.

Acordaram todos muito cedo naquele domingo, pois sua mãe as buscaria em algumas horas. Ellie assistia a clipes musicais na televisão enquanto seu pai convencia Margo, que parecia doente, a se levantar.

– O que você está sentindo, filha?

– Não sei, só não quero levantar.

A garota parecia quase tão mal quanto o homem de quem tinham comprado do sofá no dia anterior. John notou o anel do dedo de Margo, mas estava muito preocupado com a saúde da filha para perguntar sobre.

Foram a diferentes médicos naquele domingo e quando já tinha desistido de procurar doutores, achou que a única opção que lhe restara era rezar. Foi à igreja com Margo, mas deixou Ellie em casa. Percebeu que um dos padres olhava fixamente para Margo com uma expressão de espanto. Na saída, o padre a agarrou pela mão e tentou tirar o anel de seu dedo. Não conseguiu. Margo simplesmente morde o padre. Apavorado com o acontecido John fica imóvel.

- Com licença senhor, se importaria de me responder se essa criança é batizada?
- Não senhor. Por que pergunta? Tem algo de errado?
- Creio que você e todos com quem se importa estejam correndo perigo.
- Defina perigo. – disse John sem acreditar muito no que o padre dizia.
- Minha filha, onde encontrou esse anel? – perguntou o padre à Margo.

Silêncio. Vermelhidão tomara conta dos olhos azuis piscina da garota. Raiva. O padre fez a pergunta mais uma vez.

- Achei na caixa que estava dentro do sofá que compramos ontem – respondeu Margo, com a voz mais rouca que o normal.
- E tinha mais o que nessa caixa?
- Um osso, e estava escrito algo.
- O que exatamente?
- Não sei dizer, mas posso lhe mostrar.

Margo abriu a bolsa que carregava e tirou de lá a inofensiva caixinha de música e a entregou para o padre.

- JESUS MARIA JOSÉ! EU NÃO ACREDITO MEU DEUS!
- O QUE ESTÁ ACONTECENDO? – gritou John, que estava muito assustado devido a reação do padre.
- Nessa caixa tem um nome de um demônio. Lilith. E esse anel está permitindo que ele possua sua filha.
- Senhor, por favor, me ajude!
- Eu posso livra-la desse demônio, mas você precisa estar ciente de que ao tirá-lo de sua filha, ele pode ir para qualquer outra menina, em qualquer lugar do mundo.
- Faço qualquer coisa que for preciso.

E foi feito. O padre livrou Margo do demônio que aos poucos, se apossava de seu corpo. Pai e filha foram pra casa.

Chegando lá, John chamou por Ellie, que não apareceu.

- Ellie! – gritaram em coro.

E lá estava ela, no teto. Pulou no pescoço do pai e quebrou-o. Morreu. O mesmo fez com Margo. E assim acabou o final de semana da família. O paradeiro de Ellie nunca foi descoberto.

Onde os demônios se escondem? Nas crianças.

Sasha Lancaster

EXPEDIENTE

Apresentação: Mateus Bertolino

Revisão: Silvana Mansur, Mateus Bertolino e Mônica Scheer

Autoria dos textos: Alunos do 9º ano/2014 da escola Aldeia Curumim

Design e diagramação: Bernardo Nemer

Ilustrações: Joaquin Pedro, Louise Florêncio, Mateus Bertolino e Renata Cruz

Capa: Reprodução parcial de arte de Erik Johansson, fotógrafo e designer sueco.

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Lucia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br